



# Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro

Luiza Aguiar dos Anjos<sup>1</sup>  
José Aelson da Silva  
Júnior<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail:

luizaaguiardosanjos@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais. Professor no Instituto Federal de Minas Gerais E-mail: aelson.junior@ifmg.edu.br

Refusing closets:  
stories of  
homosexual men in  
Brazilian football

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74071>

**Resumo:**

No futebol, é notável entre seus participantes o exercício constante de afirmação de uma masculinidade viril para si e de uma masculinidade não viril para os adversários, enfatizando a diferenciação entre nós e eles/outros. Isso não significa que não há espaço para resistências. Nesse texto, apresentamos duas histórias de homens assumidamente homossexuais que, de diferentes modos, participam do universo do futebol. Recorremos a entrevistas de História Oral, complementadas com textos de periódicos que abordaram os grupos que tais sujeitos integraram ou integram. Suas trajetórias evidenciam experiências que vão além da exclusão e mesmo da simples tolerância, evidenciando a multiplicidade de vivências que ocorrem no contexto do futebol, algumas das quais escapam à heteronormatividade.

**Palavras-chave:** Futebol; Homossexualidade; Gênero; História Oral.

**Abstract:**

In football, it is notable among its participants a constant exercise in asserting a virile masculinity for themselves and a non-virile masculinity for their opponents, emphasizing the differentiation between us and them/others. This does not mean that there is no room for resistance. In this text, we present two stories of homosexual men who, in different ways, participate in the football universe. We used Oral History interviews, complemented by texts from periodicals that approached the groups that these subjects integrated or integrated. Their trajectories show experiences that go beyond exclusion and even simple tolerance, evidencing the multiplicity of experiences that occur in the football context, some of which eventually escape heteronormativity.

**Keywords:** Soccer; Homosexuality; Gender; Oral History.

## Introdução

“Em culturas as mais diversas, a afirmação social do ‘ser homem’ passa pela disputa com outros homens” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p.880). Essas competições se manifestam tanto em lutas corporais, quanto em desafios verbais, apostas, etc. e estão presentes, de diferentes modos, desde a infância até a idade adulta. Assim, vencer uma competição entre homens, com frequência, mais do que afirmar-se melhor em uma dada tarefa, representa a afirmação da superioridade da própria masculinidade em detrimento da do derrotado.

Os esportes e, mais especificamente, o futebol são espaços privilegiados de afirmação e (re)produção da masculinidade através da competição, sobretudo por tratarem-se de disputas que colocam em ação outro valor tradicionalmente masculino, a força física. Se a contenda em campo é o enfrentamento mais óbvio do futebol, estendem-se também outros confrontos de diversas ordens, nos quais não apenas jogadores tomam parte: treinadores disputam em capacidade estratégica; torcedores enfrentam-se em brigas físicas; dirigentes trocam insultos e provocações. De forma mais ou menos evidente, a masculinidade atravessa essas disputas.

Reconhecemos e defendemos que há inúmeras masculinidades possíveis e legítimas, o mesmo valendo para as feminilidades. Adotamos aqui, uma compreensão pós-estruturalista de gênero, na qual se entende que as masculinidades e feminilidades são construídas socialmente, num processo contínuo e não linear afetado pelas marcas da cultura na qual são produzidas (LOURO, 2001; MEYER, 2013).

As diferentes expressões de gênero, contudo, não são reconhecidas e valorizadas de forma equânime. Elas estão sujeitas a relações de hierarquia construídas, mantidas e modificadas, em contextos culturais específicos, produtos das dinâmicas relações de poder entre elas travadas. Sobre a produção de um lugar de hegemonia de uma dada masculinidade, Louro (2000) explica:

A masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade. Tornar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia. Os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino (p.70).

A citação destaca o caráter relacional dos processos de produção das identidades de gênero, na qual inserem-se também aspectos referentes à sexualidade: ser masculino

implicaria ser heterossexual. Apesar da evidência da proximidade desses dois marcadores sociais (gênero e sexualidade), é fundamental destacar que as identidades sexuais – vistas como conceituações inventadas que identificam o objeto de nossos desejos afetivos e sexuais e, com isso, produzem referenciais de normalidade e anormalidade (WEEKS, 2010) – não são causa ou consequência do gênero.

Os processos normativos que dinamicamente mantém ou modificam referenciais de normalidade e superioridade ocorrem nas mais diversas instâncias sociais, entre elas os esportes.

No contexto do futebol, expressões misóginas, machistas e homofóbicas são recorrentes, num exercício constante de afirmação de uma masculinidade viril para si e de uma masculinidade não viril para os outros, reafirmando a dualidade e a diferenciação entre nós e eles/outros. Assim, padrões heteronormativos já fortemente presentes em nossa sociedade ali encontram maior permissividade para se expressarem de formas explícitas, ofensivas e agressivas (ANJOS, 2015).

Partindo do conceito de Michael Warner (1993), a herenormatividade é entendida como a normatização da ordem social que parte do pressuposto de que a heterossexualidade é natural, buscando controlar e regular a vida dos sujeitos, não apenas no que concerne à sua orientação sexual, como também na imposição de padrões de comportamentos atrelados a um suposto binarismo sexual.

Isso não significa que não há espaço para resistências e subversões, entre as quais podemos destacar aquelas protagonizadas por sujeitos identificados como indesejáveis ou não pertencentes a tal modalidade, notadamente mulheres e homossexuais<sup>1</sup>, que encontram e constroem brechas para participarem dessa prática de lazer.

Nesse texto, apresentaremos duas histórias de homens gays que, de diferentes modos, participam do universo do futebol. A primeira é sobre Osmar Dziekaniaki Rodrigues, mais conhecido como Careca, torcedor do Grêmio e ex-integrante das torcidas organizadas Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Máquina Tricolor. A segunda é sobre Gustavo Mendes, fundador do BHarbixas, equipe de futebol formada por homens gays de Belo Horizonte.

Osmar e Gustavo foram identificados e buscados a partir de suas participações em grupos futebolísticos compostos por homens gays: no primeiro, a Coligay e, no segundo, do BHarbixas. Em ambos os casos a internet serviu como importante instrumento para contato com os entrevistados. Foram, então, realizadas entrevistas sob a perspectiva da História Oral (ALBERTI, 2005).

A opção pelo aporte teórico-metodológico da História Oral se justifica centralmente

---

<sup>1</sup> Apontamos essas identidades como as mais explicitamente negadas. Reconhecemos, contudo, outros processos de exclusão. No que se refere ao gênero, cabe destacar a rejeição às pessoas trans.

pela nossa intenção de não apenas apresentar fatos, mas de refletir sobre os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Nesse sentido, acreditamos que a subjetividade dos relatos orais é uma de suas riquezas (PORTELLI, 1996).

As entrevistas ocorreram no ano de 2017, sendo cada uma conduzida por um<sup>2</sup> dxs autorxs desse trabalho. Tratando-se de uma História Oral Temática, o foco de nossa investigação é o envolvimento de nossos entrevistados com o futebol, especialmente na condição de torcedor, no caso de Osmar, e de praticante, no caso de Gustavo. Tendo isso em vista, o roteiro que utilizamos contemplou perguntas voltadas às questões: 1) inserção dos entrevistados no universo do futebol; 2) envolvimento em equipes/torcidas organizadas de futebol; 3) experiência de ser homossexual no ambiente no futebol. Dentro disso, as perguntas seguiam certo encadeamento cronológico, ainda que os entrevistados tivessem liberdade para alterar essa ordenação em suas respostas, o que também eventualmente alterava a condução do diálogo.

As entrevistas foram gravadas em áudio, passando, então, pela transcrição e conferência de fidelidade. Para as análises, utilizamos os documentos escritos resultantes desse processo. Os entrevistados assinaram Cartas de Cessão nas quais autorizaram a publicização de seus depoimentos pelxs pesquisadorxs.

Complementamos os relatos com uma entrevista com um torcedor que conviveu com Osmar, além de matérias de periódicos que abordaram os grupos que eles integraram ou integram<sup>3</sup>.

Nossas análises entendem os discursos como prática social, historicamente e culturalmente situados, compreendidos nesse exercício interpretativo pelos pressupostos teórico-metodológicos de Norman Fairclough para uma Análise Crítica do Discurso (ACD), utilizando as bases da Representação Tridimensional do discurso, propostas por ele.

Para Fairclough, a ACD

visa a explorar sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade e determinação entre (a) práticas discursivas, eventos e textos, e (b) estruturas sociais e culturais, relações e processos mais amplos; a investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas; e a explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade é ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 33).

---

<sup>2</sup> Aqui, o “x” é usado como “linguagem não-binária” ou “linguagem neutra” para descaracterizar o binarismo da linguagem, isto é, a ideia de que as palavras são masculinas ou femininas, assim como a utilização do masculino como referência. Ao usar o “x” quando tratamos de coletivos de identidades plurais contemplamos homens, mulheres e aqueles que fogem da norma binária também sejam contemplados. Ao tratar de agrupamentos que possuem exclusivamente pessoas identificadas como homens gays, matemos o uso do masculino.

<sup>3</sup> Esse trabalho foi produzido como recorte do trabalho de doutoramento dxs dois autorxs. Assim, as fontes que complementam os relatos orais de Osmar Rodrigues e Gustavo Mendes fazem parte de fontes produzidas no contexto dessas pesquisas mais amplas.

### Osmar Dziekaniaki Rodrigues, o Careca da Força Azul, da Coligay e da Máquin Tricolor

Osmar Dziekaniaki Rodrigues, mais conhecido como Careca, nasceu em 1948, na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Foi lá onde cresceu e formou suas primeiras referências e preferências clubísticas, identificando-se com o Sport Club Rio Grande, agremiação notabilizada por ser o mais antigo clube em atividade do país. O vínculo com o Rio Grande vinha também acompanhado por certo apreço pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, fato esse (torcer também por um dos grandes clubes da capital de seu estado) comum entre muitos torcedores de clubes de menor expressão nacional.

Aos 18 anos, Osmar mudou-se para Porto Alegre, passando a residir com uma tia gremista que frequentava regularmente os jogos do Grêmio no Estádio Olímpico. Careca passou a acompanhá-la e, em pouco tempo, o tricolor gaúcho tornou-se o clube principal de sua vida, de quem se tornou um fiel e apaixonado torcedor. Hoje, esse pertencimento é expresso por ele até mesmo na decoração de sua casa, onde todos os espaços são coloridos em azul, preto e branco e com escudos do clube. Não à toa, relata: “Aqui onde eu moro, [...] se na entrada perguntar pelo Osmar ninguém sabe, mas se perguntar pelo gremista todo mundo sabe aonde eu moro” (RODRIGUES, O., 2017, p.5).

A ampliação e o fortalecimento desse vínculo ocorreram de forma paralela à sua participação em torcidas organizadas. Esse envolvimento começou quando, nas arquibancadas, fez amizade com outros jovens, passando a torcer juntos e se organizando para confeccionar bandeiras e papel picado. A animação e iniciativa os levaram a serem convidados para integrar a Eurico Lara, única torcida organizada do Grêmio existente até então, vinculada à direção do clube na forma de um departamento.

Careca conta que ele e seu grupo participaram de uma série de transformações na Eurico Lara, como a implantação de uma bateria, o uso de bandeiras grandes e a utilização de uniformes pelos membros da torcida.

O vínculo da Eurico Lara com o clube, contudo, impedia que a torcida manifestasse discordâncias com a diretoria, o que levou alguns de seus integrantes, entre os quais Careca, a formarem a primeira torcida organizada independente do Grêmio, a Força Azul, fundada em 1974.

O gremista relata que a Força Azul era uma torcida familiar, o que não necessariamente significava que havia vínculos de parentesco entre seus integrantes, mas que as relações construídas entre eles eram de muita proximidade, afeto e respeito. Havia casais, filhos e filhas, irmãos e irmãs, mas também muitos integrantes que eram, assim como Osmar, vindos de cidades do interior e com poucos ou nenhum parente na cidade, o que,

inclusive, contribuía para reforçar o vínculo com xs colegas de torcida.

Um elemento de destaque na Força Azul era o protagonismo de algumas mulheres. Era na casa de uma delas, Sônia, que o grupo costumava se reunir para se preparar para os jogos ou para alguma festividade da torcida.

O perfil dessa primeira torcida independente gremista diferencia-se dos agrupamentos pioneiros que surgiram alguns anos antes no Rio de Janeiro e em São Paulo, nos quais o perfil predominantemente masculino e juvenil se destacava (HOLLANDA, 2009; TEIXEIRA, 2003; TOLEDO, 1996).

Careca guardou poucas lembranças do momento em que deixou a Força Azul. O que se recorda é que a saída ou afastamento de algumas lideranças gerou uma “desavença de poderes” que enfraqueceu a torcida, levando à sua desarticulação. Em meio a esse processo, ele também resolveu deixá-la.

No período, ele era frequentador regular da Coliseu, boate porto-alegrense voltada para o público gay. Como gremista apaixonado que era, foi uma das pessoas que Volmar Santos, proprietário da casa noturna, chamou para a fundação de uma torcida do Grêmio formada por homossexuais, que veio a ser nomeada Coligay.

A Coligay estreou nas arquibancadas do Estádio Olímpico em abril de 1977, em um jogo do Campeonato Gaúcho, e acabou ganhando notoriedade impulsionada pelo status de torcida pé- quente pela conquista daquele estadual pelo Grêmio, que vinha de um período de oito anos sem títulos.

A torcida tinha uma performance bastante marcante, classificada como alegre, festiva, animada e mesmo engraçada. Contribuía para a atenção que atraía sua indumentária, que incluía chapéus, paetês, plumas, purpurina, sapatos de salto, entre outros. “Mas a atração principal era por causa daquela camisola, aquele camisão grande que tinha as letras que formava as letras do Grêmio”, lembra Careca (RODRIGUES, O., 2017, p.11). A qualidade de sua charanga era também um motivo de orgulho para seus/suas componentes. Ela era formada por integrantes da Escola de Samba Imperadores do Samba, lideradxs pelo mestre Neri Caveira. Segundo Careca, “igual aquela não tinha outra não” (RODRIGUES, O., 2017, p.8).

Entre suas tantas memórias como torcedor organizado, Careca define como a mais marcante o dia em que desfilou junto com a Coligay, no campo do Beira-Rio, antecedendo a disputa de um Gre-nal, em 1979. Se talvez para os colorados o desfile tenha sido promovido com a intenção de tripudiar o Grêmio em função de sua “torcida gay”, xs gremistas não se incomodaram e adoraram ocupar um espaço de destaque dentro da casa do adversário.

Careca permaneceu na Coligay até sua extinção, motivada pela saída de seu idealizador e líder, Volmar Santos, que retornou à Passo Fundo, sua terra natal, e fechou as portas do Coliseu, que funcionava como uma sede da torcida.

Não tardou, todavia, para que Osmar se mobilizasse junto a outro grupo de gremistas para criar uma nova torcida organizada, a Máquina Tricolor. Isso aconteceu em

1982, por iniciativa de alguns frequentadores do Bar do Ramon, estabelecimento que ficava próximo ao estádio Olímpico, famoso por reunir torcedorxs antes das partidas (ROCHA, 2017).

Entre xs integrantes da Máquina havia muitas famílias e a torcida chegou até a ter um núcleo mirim, com integrantes de até 15 anos (TORCIDAS, 1997). Novos casamentos também aconteceram entre alguns/mas de seus/suas componentes, aumentando as famílias do grupo (ROCHA, 2017).

Como integrante da Máquina, Careca teve a oportunidade de ir à Tóquio para assistir à partida em que o Grêmio se sagrou campeão mundial, em 1983. Isso ocorreu porque o Grêmio organizou uma ação para ajudar as suas torcidas organizadas da época a levar representantes para acompanhar sua delegação e assistir ao jogo único contra o Hamburgo, então campeão europeu. As próprias torcidas deveriam vender camisetas autografadas e carnês “Jogada de Campeão”<sup>4</sup> para financiar a ida desses representantes (CRUZ, 1983). Três agrupamentos conseguiram alcançar o número de vendas necessário: Super Raça Gremista, Garra Tricolor e Máquina Tricolor. A escolha dxs premiadx cabia à organizada e Careca foi um dos dois membros selecionados por seu grupo, o que demonstra a valorização da sua contribuição à torcida pelos seus pares.

A saída de sua terceira torcida organizada ocorreu quando Careca mudou-se para o Rio de Janeiro, ainda na década de 1980. Lá, ele mantém o hábito de, mesmo pela televisão, assistir a todas as partidas do Grêmio. Sobre seu “gremismo” e a seriedade dos momentos de jogos, ele diz:

O Grêmio não é só um time para mim, o Grêmio é uma religião minha, eu tenho uma doença que se chama Grêmio, ‘Grêmio Mania’, que eu... Dia de jogo do Grêmio, se você vim me perturbar, eu mando você para puta que pariu, porque é a hora que eu tô fazendo a minha oração e não quero ser perturbado por ninguém (RODRIGUES, O., 2017a, p.4).

Na capital fluminense, ele continuou acompanhando o Grêmio como pôde. Reuniam-se com outrxs gremistas em bares e nos estádios sempre que o clube enfrentava as equipes cariocas. Por nove anos, ele organizou uma comemoração de aniversário do Grêmio em meio às festividades da Semana Farroupilha<sup>5</sup>, como ele narra: “na data do aniversário do Grêmio a gente fazia a missa campeira, a gente dava brinde e a gente pedia para que todo mundo fosse com a camiseta do Grêmio” (RODRIGUES, O., 2017, p.4).

Hoje, Careca reside em Maricá, no interior do estado, onde há menos gremistas

---

<sup>4</sup> Carnês com premiações diversas que o clube produziu. O dinheiro arrecadado com as vendas seria destinado ao custeio da viagem dos representantes das torcidas.

<sup>5</sup> A Semana Farroupilha é um evento festivo da cultura gaúcha, comemorado na semana que antecede ao Dia da Revolução Farroupilha, 20 de setembro.



para acompanhá-lo. Ainda assim, ele conta que convence muitxs amigxs a apoiar o clube: “quem está do meu lado vai ser gremista [riso], porque é uma religião, é tipo uma lavagem, “ou tu é meu amigo ou não é?!”” (RODRIGUES, O., 2017, p.4).

Ao rememorar sua trajetória de torcedor, nos diferentes espaços por que passou, grupos que integrou e pessoas com as quais conviveu, Careca afirma não ter encontrado dificuldades no ambiente do futebol por ser assumidamente gay. Além de afirmar nunca ter sido vítima de preconceito ou discriminação, disse nunca ter presenciado atos homofóbicos contra outros homossexuais ou contra a Coligay: “Naquela época nós viajávamos a qualquer lugar e nós éramos respeitados aonde chegássemos” (RODRIGUES, O., 2017, p.9); “A bicharada passava por tudo que era lugar e era bem recebido em qualquer parte” (ibidem, p.18).

O entendimento de homofobia reconhecido por Careca parece associado a práticas de repulsa ou ódio direcionadas de forma específica a um indivíduo ou grupo de homossexuais. Assim, a jocosidade com que a Coligay era eventualmente tratada ou os gritos de “bicha” proferidos como xingamento genérico a qualquer pessoa (gay ou não) não são interpretadas por ele como sinais de homofobia<sup>6</sup>.

Especificamente sobre seu convívio dentro das torcidas organizadas do Grêmio, Careca afirma que, igualmente, havia respeito e que a relação era de muita harmonia. Assim como Careca, outros integrantes da Coligay chegaram a fundar, compor e presidir outras torcidas organizadas. Tratando dessa presença, Luiz Afonso da Rocha, que integrou a Máquina Tricolor, assim se referiu ao convívio de torcedores gays dentro das torcidas organizadas do Grêmio, de forma geral: “Normal, normal. Como se tu tivesse... Um irmão teu que fosse gay e que estava ali na arquibancada contigo” (ROCHA, 2017, p.12).

Também com os atletas do Grêmio, Careca descreve uma relação amistosa. Integrantes da torcida e jogadores eventualmente se encontravam no Bar do Ramon, estabelecimento próximo ao Estádio Olímpico, e, por vezes, mesmo nos vestiários, visto que, naquela época, o acesso de torcedores a esse espaço era mais facilmente permitido. Osmar conta que era uma figura conhecida no clube, sendo, inclusive, chamado pelo apelido “Careca” por todos, denotando intimidade.

Essa aceitação e acolhimento dos torcedores gays no universo das torcidas percebida por ele, se opõe, contudo, a invisibilidade da Coligay enquanto uma importante torcida organizada do Grêmio. Esse apagamento decorrido após sua extinção foi notado por Bandeira e Seffner (2017) que, a partir de entrevistas com gremistas, verificaram que a maioria desconhece a torcida ou a conhece apenas por meio de chacotas feitas pelos rivais, além de alguns minimizarem seu valor.

Tendo isso em vista, destacamos como histórias de e sobre sujeitos LGBT’s (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) que circularam (e circulam) nos ambientes futebolísticos podem trazer novas contribuições para a compreensão da complexidade da identidade

---

<sup>6</sup> Diante dos objetivos desse texto, nos limitamos a apontar as percepções sobre homofobia percebidas pelos entrevistados. Para análises aprofundadas do conceito, ver Borillo (2010).

torcedora e do contexto social do futebol, indo além do simples pressuposto da rejeição, invisibilidade ou ausência desses sujeitos nas arquibancadas. A trajetória de Careca, que exerceu papéis de liderança em quatro torcidas organizadas gremistas, contribui para relativizar o estereótipo de lideranças torcedoras, marcadas pela violência e masculinidade normativa (HOLLANDA, 2010).

### Gustavo Mendes, os BHarbixas e a Ligay

Fora do armário e dentro dos campos society e quadras poliesportivas está o sujeito de nossa próxima história. Gustavo Mendes, nascido em Ponte Nova, interior de Minas Gerais, em 1992, e residente em Belo Horizonte desde 2013, é desde criança – e até hoje – um amante do futebol. Ele afirma seu apreço pelo esporte, declarando essa vivência como prática de lazer recorrente em sua vida, independentemente da condição de torcedor, abandonada, segundo o próprio Gustavo, por conta de uma reflexão crítica sobre o heterossexismo<sup>7</sup> reiterado no discurso das torcidas.

Ele é um dos fundadores do BHarbixas, grupo formado por jogadores gays da capital mineira. O time é um de um conjunto de equipes de futebol criadas em algumas capitais brasileiras no ano de 2017, que ganharam notoriedade a partir da divulgação de suas iniciativas em uma série de veículos da mídia.

Gustavo foi motivado a criá-lo após tomar conhecimento de iniciativas em São Paulo e Rio de Janeiro, dos times “Unicorns” e “BeesCats”, ainda no primeiro semestre daquele ano. Ele afirma que fez contato com as equipes pioneiras, que lhe ajudaram a formar o novo grupo. “Foi muito rápido!”, salienta.

[...] eles fizeram a divulgação, me ajudaram na divulgação para encontrar os meninos do time, disponibilizando minhas redes sociais para contato. E [...] aconteceu muito rápido. Começaram a divulgação na segunda-feira e na quarta já estava criando grupo de whatsapp, com as pessoas mandando contato. E já deu pra marcar a primeira pelada no domingo. Aconteceu tudo muito rápido. Já montou uma pelada, [...] compareceu, mais ou menos, umas vinte pessoas (MENDES, 2017, p.2).

As redes de sociabilidade criadas em torno de um mesmo objetivo aparecem como articuladoras fundamentais para divulgação e difusão da ideia de se criar times de futebol para homens gays. Os equipamentos e processos de informação, cada vez mais globalizados, oferecem os recursos necessários para suprimir as distâncias geográficas e promover a comunicação e interação entre os sujeitos conectados em rede, de maneira instantânea.

Gustavo Mendes (2017, p.2) descreve o BHarbixas como “um time de futebol gay”,

---

<sup>7</sup> Para Daniel Borrillo (2010) é onde a heterossexualidade ocupa posição de superioridade e dominação em relação às mulheres e homossexuais.

dando muita ênfase a esse aspecto, como também o fazem os demais jogadores. Para eles, o objetivo seria o de “juntar gays que gostam de futebol” (ibidem, p.2). E complementa: “A gente é aberto a todos os públicos, contanto que seja gay. Porque o nosso projeto é abranger mesmo o público gay e promover a interação, diversão, inclusão, liberdade de expressão. [...] são esses os pilares do nosso time” (ibidem, p.2).

O discurso ganha uma identidade coletiva, bem como uma representação concisa de grupo. Tantas vezes evocado na narrativa dos jogadores gays por seus interlocutores (como porta-vozes de suas equipes) é, assim, produzido enquanto sentido. A locução pronominal “a gente”, expressando uma confluência de ideias e desejos, parece revelar, de fato, esperanças e atitudes do “nós” para o grupo de jogadores. Eles são, em sua maioria, estudantes e trabalhadores jovens, assumidamente gays, com histórias de preconceito e bullying durante a infância e fase de escolarização, onde eram tolhidos dos espaços de jogo e assistência ao futebol por conta da androgenia de seus corpos e falta de retidão de suas masculinidades, indigestas e abjetas ao jogo viril, de masculinidade esquadrinhada e heterossexualidade compulsória<sup>8</sup>. Sobre a constituição desse espaço reservado aos gays, André Machado, jogador e idealizador do BeesCats, em entrevista ao site Terra, acrescenta:

Nosso objetivo não é excluir os héteros, muito pelo contrário, eu espero que daqui 10 anos não precise mais existir [separação], será normal um gay jogar futebol ou ser galã de novela, delegado, jornalista ou que quer que seja”. (RODRIGUES, A., 2017, s.p.).

Pertencer ao grupo transcende a habilidade com os pés e os atributos físicos, técnicos e táticos que convencionalmente servem para caracterizar, em nossa sociedade, um “bom” boleiro. Muitos acompanham o grupo como apoiadores e animadores da “pelada”. Nos treinos/jogos/encontros dos BHarbixas, relata Gustavo Mendes, “tem gente que vai, todo domingo, senta lá e fica vendo a gente jogar...escuta música ou vai pra dançar também... a gente põe a música lá e fica dançando, e rindo com a gente. É mó... [satisfação]. Estamos abertos a qualquer público pra ir assistir, participar” (MENDES, 2017, p.3).

Os BHarbixas realizam seus encontros para jogar bola em quadras próprias para esse fim, espaços alugados que recebem diversos grupos, em sua maioria homens, durante todos os dias da semana. Perguntado sobre a reação dos demais usuários dessas quadras diante da presença do grupo gay com seu futebol e torcida irreverente, Gustavo Mendes afirma que, até aquele momento, ele e os demais integrantes não haviam passado por nenhuma situação conflituosa ou de preconceito com os demais usuários.

Não mostraram muita surpresa em ver a gente, não. Olharam assim, fizeram aquela reação meio que [...] tanto faz. – Oh! Um gay jogando bola. Mas só [...] não comentaram nada, não fizeram nenhum comentário pejorativo, nada do tipo não. Foi muito tranquilo (MENDES, 2017, p.3).

<sup>8</sup> A heterossexualidade compulsória é um conceito da feminista Adrienne Rich, que visa destacar como nossa sociedade produz um direcionamento psicológico à heterossexualidade a partir de inúmeros mecanismos presentes em nossa cultura – contos de fada, televisão, cinema, etc –, que funcionam como propagandas coercitivas da heterossexualidade e do casamento como padrões (NOGUEIRA; COLLING, 2015).

No bar que frequentam após os jogos, contudo, já ouviram comentários cuja jocosidade se baseia no entendimento de que a homossexualidade é um defeito e, como tal, deve ser atribuído a seus adversários, como lembra Gustavo sobre um comentário feito por um cruzeirense: “um dos clientes do bar virou e falou assim: ‘Chegou a torcida do Atlético ali?’ ” (MENDES, 2017, p.3). Isso se deu ao reconhecer o grupo de jogadores como gays, reproduzindo os repetidos comentários e piadas alinhadas à depreciação da masculinidade de seu grande rival, o Clube Atlético Mineiro.

Os integrantes do BHarbixas também se envolvem com o futebol na condição de torcedores. Gustavo relatou, inclusive, que eles encontraram dificuldade em adequar o horário e dia dos treinos em função do apreço e da identidade torcedora que seus colegas de time têm pelos clubes de futebol da capital mineira. Acompanham, torcem, vão aos estádios e bares.

O horário da nossa pelada, no início foi o maior [...]. – Gente, não tem como marcar pra outro horário, não? – Domingo, quatro horas [...]? Normalmente horário de jogo. Temos cruzeirense, atleticano [...].  
– Tem que marcar, vamos remarcar o horário, então[...]. É [...], mas o pessoal, muito fã, fanático mesmo, conversa e tudo, mas eles preferiram aderir a pelada e depois, sei lá, rever a reprise do jogo e ver os melhores momentos do jogo (MENDES, 2017, p.3).

Tanto os BHarbixas quanto outros times gays – Unicorns (SP), Futeboys (SP), BeesCats (RJ), Alligaytors (RJ), Magia (RS), Sereyos (SC), Bravus (DF)<sup>9</sup> – utilizam das redes sociais para divulgar fotos e eventos, postar pequenos vídeos dos encontros e demarcar sua posição de resistência, contrariando a evidente tese de que homossexuais não gostam de futebol. Como reforça Gustavo Mendes, “a gente quer quebrar esses tabus e paradigmas que a sociedade cria” (MENDES, 2017, p.3).

No dia 25 de novembro de 2017, foi organizada a 1ª Champions Ligay de Futebol, torneio realizado no Rio de Janeiro, na arena Rio Sport, na Barra da Tijuca, contando com a participação de oito equipes de diferentes estados brasileiros.

Em declaração feita ao jornal O Globo (KALICHESKI; CALLEGARI, 2017, s.p.)<sup>10</sup>, André Machado, fundador do BeesCats e um dos organizadores do campeonato, demonstra confiança num futuro menos excludente para o futebol brasileiro. “Digo que 2017 é o ano zero do futebol gay no Brasil. Acredito que em dez anos vai ter jogador profissional assumido, e essa luta será passado”. Ian Mendonça, goleiro do time Alligaytors, em mesma

<sup>9</sup> Equipes participantes da Primeira Champions Ligay, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 25 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/vai-comecar-a-champions-ligay-conheca-as-historias-e-como-surgiu-o-primeiro-rasileiraohomossexual,68f9921a8bca0c734f0936bf9ab8f064zpr0w9f1.html>. Acesso em 22 de novembro de 2017.

<sup>10</sup> Texto de Daniela Kalicheski e Carolina Callegari, publicado no jornal o Globo, em 18 de novembro de 2017, intitulado “Champions Ligay reunirá oito times LGBT de seis estados no Rio”.

entrevista, reforça a seguinte ideia, que faz coro a dos demais participantes da Ligay: “Orientação sexual não tem nada a ver com desempenho. Estamos dando espaço para muita gente se superar. Nós não queremos segregar, mas não podemos deixar que nosso propósito seja perdido: ter um espaço sem intimidação”.

Em entrevista ao site Terra, um dos participantes da competição avalia que “a ascensão das minorias em busca de reconhecimento tem tido mais espaço na mídia [e que] ... a prática esportiva é um grande elo de diálogo com a população” (RODRIGUES, A., 2017, s.p.).

Thiago Ribeiro, também membro do BHarbixas, faz a seguinte reflexão sobre a participação de gays no esporte e sobre a importância da Ligay, nessa mesma entrevista:

Ocorre que o futebol é um esporte que, ainda hoje, é permeado pelo preconceito. Raros são os casos em que pessoas declaradamente LGBT conseguem ser verdadeiramente incluídas nas equipes tradicionais. Participar da LiGay é, acima de tudo, sinalizar à sociedade e ao mundo do futebol que existimos e que muitos de nós fomos e somos preteridos, todos os dias, por preconceito. Trata-se de um posicionamento claro: gays jogam bola, e jogam bem! (RODRIGUES, A., 2017, s.p.).

Finalizada a competição, os BHarbixas sagraram-se campeões após decisão, nos pênaltis, com a anfitriã e favoritíssima – na visão dos participantes – equipe carioca BeesCats. Reconhecida como “a equipe afeminada”, os BHarbixas quebraram outros tabus ao chamarem atenção à heteronormatividade<sup>11</sup> assumida por muitos gays que desconsideram outras formas de masculinidade, que não as reconhecidas por um padrão heterossexual e conservador.

Nesse sentido, é oportuno destacar que “violências atualmente chamadas de homofobia não se dirigem igualmente a todos/as os/as homossexuais, mas, antes, muito mais frequentemente a quem não segue esse padrão”. Dessa maneira, “muitos homossexuais, também normalizados, ajudam na estigmatização e na percepção negativa daqueles que não cabem na heteronormatividade” (MISKOLCI, 2016, p. 15).

Depois da conquista, em entrevista a Jamille Bullé<sup>12</sup>, Gustavo Mendes deu o seu recado, chamando atenção para o preconceito e a “dinâmica da aparência” no mundo futebolístico, inclusive entre os gays.

Existe um preconceito, sim, verdade seja dita. Só os afeminados não jogam bola? Jogamos, sim. A gente conseguiu mostrar para as pessoas aqui hoje. A gente só quer dividir a nossa alegria com elas. A gente brinca mesmo, lacra mesmo, independentemente da opinião alheia, a gente só

<sup>11</sup> Alinhada à ideia desenvolvida por Michael Warner (1993), Richard Misckolci (2016, p. 15), entende a heteronormatividade como sendo “a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida”.

<sup>12</sup> Texto de Jamilele Bullé para o site globoesporte.com, em 26 de novembro de 2017, intitulado “Respeito, tolerância e equipe afeminada campeã marcam a Champions Ligay”.

quer ser feliz (BULLÉ, 2017, s. p.).

A história de Gustavo Mendes é também a de muitos homens no campo do futebol, nas suas mais diversas manifestações. Nesta mesma entrevista, ele relata um pouco da sua experiência com o futebol e com os BHarbixas:

Infelizmente vivemos em um país que ainda tem muito preconceito enraizado. Joguei minha vida toda com héteros, sempre escutei uma brincadeira aqui ou ali, mas não comigo. Eu tentava “fazer uma linha”, ficava no armário para evitar desgaste com as pessoas. Mas, hoje, me libertei disso. Resolvi me aceitar e ser o que sou. Só queremos mostrar para as pessoas que somos iguais a todos os outros. Queremos um espaço, jogar o nosso futebolzinho e ser feliz. (BULLÉ, 2017, s.p.).

Por fim, ressaltamos que o discurso inclusivo, tão presente na fala dos participantes da Ligay, pôde ser observado também por meio da presença de outras minorias durante o torneio. Duas treinadoras e duas árbitras participaram da competição, bem como varixs performers e drag queens animaram os intervalos entres os jogos.

A próxima edição da Champions Ligay já tem data marcada. Segundo a fanpage da liga, será nos 14 e 15 de abril de 2018, em Porto Alegre. Espera-se que sejam adicionadas à 2ª edição do evento oito novas equipes, ainda não definidas.

### Considerações em defesa de um futebol sem armários

Por outro lado, para além das equipes gays como os BHarbixas, fatos como o recente destaque dado à Coligay no Museu do Grêmio<sup>13</sup>, a criação de comunidades virtuais de torcedores manifestando-se contra a homofobia (PINTO, 2014), punições da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e denúncias ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) de manifestações homofóbicas demonstram que ações em prol da diversidade sexual nos estádios estão também ocorrendo. Entre as perdas e conquistas resultantes dessa disputa, é possível afirmar que práticas torcedoras historicamente vinculadas ao machismo e à homofobia estão sendo cada vez mais visibilizadas e desnaturalizadas, o que leva Bandeira e Seffner (2017, p.11) a anunciarem que “parece existir uma disputa por significados das masculinidades torcedoras mais evidente do que aparecia até então”.

Esse processo de desnaturalização também atingiu o ambiente acadêmico, que está mais atento a sujeitos e grupos marginais ao universo hegemônico do futebol. Ao olharmos e ouvirmos aqueles sujeitos que escapam à heteronormatividade, descobrimos vivências que

---

<sup>13</sup> No Museu do Grêmio, inaugurado em 2015, há um painel dedicado à história da Coligay. Ela é a única torcida organizada com tal visibilidade nesse espaço institucional.

superaram processos de exclusão. Se muitas dessas histórias foram e são invisibilizadas, descortiná-las é um ato necessário para compreender a multiplicidade de experiências que se dá nos campos e arquibancadas.

Grupos como a Coligay e os BHarbixas geram um deslocamento do que se entende por pertencente ao futebol, da interpretação geral de que o futebol é um campo de interesse e habilidade de homens heterossexuais. Entendemos, assim, que os sujeitos LGBT's que ocupam o ambiente futebolístico podem ser entendidos como corpos dissonantes por se desviarem de padrões estéticos, comportamentais e identitários ali idealizados, apresentando, por isso, um potencial disruptivo e subversivo<sup>14</sup> em relação às normatividades instituídas desse esporte (CAMARGO, 2016).

Dentro dessa lógica, por vezes os agrupamentos gays são marcados pela particularidade: a Coligay como uma torcida gay, os BHarbixas como um time gay. São outra coisa, outro futebol, e talvez, seja justamente por serem entendidos dessa maneira que algumas pessoas e grupos avessos a mudanças no ambiente tradicional do futebol consigam conceder-lhes tolerância. Se por um lado tal identificação é um instrumento de visibilidade e de representatividade do próprio grupo, também assume ares de guetificação e segregação.

Ainda sobre o potencial disruptivo desses grupos, cabe destacar que eles (todos os grupos e todos os sujeitos que o compõem) não apresentam uma posição consensual de questionamento a uma heteronorma. Os limites definidos como aceitáveis e desejáveis no que tange ao torcer e ao jogar e às manifestações de gênero e sexualidade ainda são pautas em disputa e construção dentro de grupos não normativos, afinal, eles também são afetados pelo que se toma como referência no “esporte convencional” e na sociedade como um todo. Além disso, também entre heterossexuais, questionamentos aos padrões do futebol viril se fazem presentes. Em suma, as disputas por legitimidade no futebol são mais complexas do que a suposição da defesa da virilidade pelos heterossexuais e seu questionamento e subversão por LGBT's.

Ademais, a condição de diferenciação ou mesmo de oposição que se espera que um homossexual permanentemente ocupe no universo do futebol não se manifesta de forma constante e unívoca. Se, de fato, a afirmada e performada homossexualidade de sujeitos como (ex-)integrantes da Coligay e dos BHarbixas lhes impõe uma permanente situação de questionamento e risco, percebemos em suas narrativas que os modos de superação dessas dificuldades se deram não apenas por vias do enfrentamento, mas também pelo afeto e pela conquista do respeito e da admiração. Na prática, essas pessoas e grupos circulam nem sempre marcados como “outros”, mas sendo, também, muitas vezes reconhecidos por outros torcedores e jogadores como “um de nós”.

Por fim, Careca e Gustavo têm vivências distintas que muito podem contribuir para reflexões sobre gênero e sexualidade no futebol. Uma experiência do torcer e uma do jogar, uma que se inicia na década de 1970 e outra nos anos 2010, uma que ocorre misturada aos heterossexuais e outra que se dá em um espaço voltado aos homossexuais. Em comum, a

---

<sup>14</sup> Conforme explica Camargo (2016), os atos subversivos, como nomeia Judith Butler, ou práticas disruptivas, na definição de Marie-Hélène Bourcier, desnaturalizam regimes sexuais, de gêneros, disciplinares.

recusa de manterem-se no armário para que possam se apropriar do futebol.

Artigo recebido em 07 mar. 2018.  
Aprovado para publicação em 18 Jun. 2018

## Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. “‘Vôlei masculino é pra homem’: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia”. *Movimento*, v. 21, n. 1, Porto Alegre, jan./mar., 2015, p. 11-24.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. “O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay”. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 11. Anais eletrônicos. Florianópolis, 2017.

BORILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CAMARGO, Wagner Xavier. “Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes”. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, Porto Alegre, out./dez. de 2016, p.1337-1350.

FAIRCLOUGH, Norman. “Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades”. In: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte, 2001, p. 31-82.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. “Corporeidade, esporte e identidade masculina”. *Revista Estudos Feministas*, v.19, n.3. Florianópolis, set./dez. 2011, p. 875-894.



HOLLANDA, Bernardo Buarque de. “A voz da torcida: Biografia, História Oral e Memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras”. *Aurora*, São Paulo, v.9, n.1, 2010, p.27-47.

\_\_\_\_\_. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da sexualidade”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001.

\_\_\_\_\_. “Corpo, escola e identidade”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.25, n.2, jul/dez 2000, p. 59-75.

MEYER, Dagmar Estermann. “Gênero e Educação: teoria e política”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2016.

NOGUEIRA, Gilmaro; COLLING, Leandro. “Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade”. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

PINTO, Maurício Rodrigues. “Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol”. *Ponto Urbe*, v.14, n.1, São Paulo, 2014, p.1-9.

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. *Revista Tempo*, v.1, n.2, Rio de Janeiro, 1996, p. 59-72.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

WARNER, Michael. *Fear of a queer planet: queer politics and social theory*. Minnesota: Minnesota Press, 1993.

## Depoimentos

MENDES, Gustavo. Depoimento de Gustavo Mendes: *Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFuT/UFMG*. Belo Horizonte, 28 de julho de 2017.

ROCHA, Luiz Afonso Oliveira da. Depoimento de Luiz Afonso Oliveira da Rocha: *Projeto Garimpando Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

RODRIGUES, Osmar Dziekaniaki. Depoimento de Osmar Dziekaniaki Rodrigues: *Projeto Garimpando Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

### Periódicos

BULLÉ, Jamille. “Respeito, tolerância e equipe afeminada campeã marcam a Champions Ligay”. [online]. Globoesporte.com. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/respeito-tolerancia-e-equipe-afeminada-campea-marcam-a-champions-ligay.ghtml>. Acesso em 26 de novembro de 2017.

CRUZ, Sidnei. “Torcidas organizadas também voam à Tóquio”. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.12, 06 dez. 1983.

KALICHESKI, Daniela; CALLEGARI, Carolina. “Champions Ligay reunirá oito times LGBT de seis estados no Rio”. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/champions-ligay-reunira-oito-times-lgbt-de-seis-estados-no-rio-22080555>. Acesso em 18 de novembro de 2017.

RODRIGUES, Alysson. “Conheça as histórias e como surgiu o primeiro brasileiro homossexual”. [online] Portal Terra. Disponível em <https://www.terra.com.br/esportes/lance/vai-comecar-a-champions-ligay-conheca-as-historias-e-como-surgiu-o-primeiro-brasileirao-homossexual,68f9921a8bca0c734f0936bf9ab8f064zpr0w9f1.html>. Acesso em 22 de novembro de 2017.

“TORCIDAS Organizadas: Máquina Tricolor”. *Nação Tricolor*, Porto Alegre, v.1, n.4, 1997.